



150 anos de Freud

A virada freudiana consistiu em fazer valer, pela disposição de Freud em escutar seus pacientes, uma palavra que até então vinha sendo jogada fora por médicos e cientistas, considerada vazia de sentido – a palavra exuberante das histéricas, o delírio dos paranóicos, as construções absurdas dos obsessivos. A virada freudiana forçou a abertura de um lugar para essas palavras, revelando o sentido presente no sem-sentido das formações do inconsciente. (KEHL, 2005, p. 109)¹.

O ano de 2006 marcou um movimento extremamente estimulante na Faculdade de Educação da UNICAMP: desde março iniciamos o *Grupo de Leituras de Freud* reativando, através de sistemático trabalho institucional, o estudo sobre a psicanálise. Trata-se, portanto, de sustentar uma pluralidade de leitura de Freud para permitir a erupção de uma multiplicidade de sentidos. Desde então, as atividades do grupo ocorrem todas as terças-feiras quinzenalmente. O objetivo principal do grupo é fazer da leitura das obras de Freud ponto de partida e ao mesmo tempo de ancoragem para a interlocução com autores da filosofia, principalmente, com Foucault e Nietzsche.

Foucault foi, certamente, leitor de Freud e estabeleceu diálogo com a psicanálise em várias passagens de sua obra, como pode ser constatado no conjunto de artigos e entrevistas que compõem o volume 1 de *Ditos e Escritos* (FOUCAULT, 1999)². O filósofo francês manteve-se sempre crítico em relação à prática da psicanálise e às formulações teóricas dos psicanalistas que a queriam transformar em “a teoria científica” (portanto, universal) sobre a natureza afetiva do homem. Entretanto, nunca escondeu sua admiração pelo homem e autor Freud. Foucault nos lembra da prudência ética em interpelarmos o poder que uma teoria exerce sobre aqueles sobre os quais se aplica, especialmente, quando se transforma em mais uma técnica clínica ou em mais um método pedagógico.

Quanto a Nietzsche, procuramos demonstrar, através de algumas notas e menções do próprio Freud ao longo de sua obra, a importância de algumas premissas do filósofo da Basileia sobre as formulações do funcionamento psíquico dos animais falantes.

¹ KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

² FOUCAULT, M.. Coraje y verdad. In: ABRAHAM, T. **El último Foucault**. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

Além disso, o *Grupo de Leituras de Freud* vem se empenhando não apenas em estudar a obra freudiana e acompanhar as modificações que o trabalho atento, comprometido e disciplinado de Freud nos brindou ao longo de seus 83 anos, mas de - através da leitura de seus textos - realizar reflexões que possam contribuir para a compreensão dos dilemas, fatos e produções que marcam a contemporaneidade.

Essa revista é, antes de tudo, uma homenagem do *Grupo de Leituras de Freud* ao próprio Freud, ser humano notável em sua capacidade de trabalho e em sua potência criativa. Não teve uma vida fácil, mas também nunca se pôs no lugar de vítima da (e de sua) história. Enfrentou duas grandes guerras, teve sua casa saqueada pelos nazistas 15 dias depois da invasão da Áustria pelos alemães em março de 1938. Quatro irmãs foram mortas em campo de concentração e sua própria filha, Anna Freud, foi detida e presa por um dia. Exilou-se na Inglaterra em 1938, onde acabou por ser vencido, um ano depois, pelo câncer da boca que lhe corroía o maxilar desde 1923.

Trabalhou até seus últimos dias, mantendo-se lúcido durante todo o período de coexistência com a doença, era incansável na revisão de suas próprias idéias e conceitos e, com a sabedoria comprometida e humilde que o movia, deixou registrado, em suas obras, seus equívocos, conclusões apressadas, incertezas bem como as teses que julgava serem corretas sobre o psiquismo. Nunca deixou de rever-se, refazer-se e de escrever-se.

Sua constante preocupação com a justeza e refinamento conceituais pode ser ilustrada em *O mal estar na civilização* de 1930 e *Novas conferências introdutórias sobre a Psicanálise*, publicadas 07 anos antes de sua morte, portanto, em 1932. Nessa última, logo no Prefácio, Freud (1976)³ adverte o leitor:

As novas conferências de modo algum pretendem ocupar o lugar das anteriores. [...] Um primeiro grupo contém novas abordagens de assuntos que já haviam sido discutidos, há quinze anos, mas que, **em consequência de um aprofundamento de nosso conhecimento e de modificação em nossos pontos de vista, requerem atualmente uma exposição diferente, ou seja, revisões críticas.** (p.15, grifo nosso).

Dessa forma, seu compromisso sempre foi com a palavra plena, não porque fechada em si mesma, mas, sobretudo pela emergência do novo, pelo caráter de acontecimento que a palavra plena instaura. É com a palavra plena que um psicanalista trabalha: saber escutar

³ FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.22.

a palavra plena é o elemento necessário que precede qualquer ato de transformação de leitura e de compreensão do mundo e de si mesmo. Nesse sentido, pode-se dizer que Freud aprendeu a escutar-se, e porque se deixou tomar pela linguagem, escutá-la em sua espessura e opacidade, é que pôde fazer dela um instrumento de alívio ou de libertação do sofrimento produzido pelos sintomas seus e alheios. Mais que isso: por saber escutar-se, e escutar a todos os seus pacientes, os inúmeros autores que leu ao longo da vida, seus aliados e opositores, é que pôde engendrar uma teoria extremamente articulada e construí-la em sólida fundação, o que a mantém viva e atual até nossos dias.

Ao arriscar-se em sua franqueza de dizer, praticava a *parresía*, tal como entendida por Foucault (2003)⁴ em seu curso de 1983: como ato de linguagem, *a parresía* não é uma verdade em si, não pode ser definida como uma coisa real – que está no mundo -, mas como produto e efeito do pensamento cuidadoso. Um parresiasta sempre se põe em risco diante de seu interlocutor, o que implica em coragem para dizer e defender *a sua* verdade, mas também de escutá-la. *A parresía* é, nesse sentido, uma construção de si mesmo e do conhecimento como parte dessa construção; é o desejo pela verdade – ainda que local e restrita a um conjunto de fatos – que move o parresiasta, não é o convencimento. Por isso, *a parresía* se opõe à retórica.

Freud foi uma parresiasta – teve a coragem de se opor contra a corrente de idéias de seu tempo (sobre a loucura, sobre a histeria, sobre a normalidade...) e de dizer o que julgou poder ser dito por ele em virtude de sua própria constituição como *sujeito de verdade*.

Creemos, igualmente, que Freud filosofava sobre o homem sem excluir-se, no sentido que Foucault (1998a)⁵ entendia o que era filosofar:

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos. Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? (p. 13)

⁴ FOUCAULT, M.. Coraje y verdad. In: ABRAHAM, T. **El último Foucault**. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

⁵ FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998a.

O *Grupo de Leituras de Freud* se debruça sobre os ensinamentos da psicanálise entendendo-os efeitos de um processo ético de Freud de filosofar sobre o psiquismo humano. Nessa direção, seus componentes sabem que seria uma armadilha tomar a teoria psicanalítica como um dogma, ou seja, lutar por ela movidos pela ilusão narcísea que impulsiona quase todas as facções militantes, isto é, a ilusão de uma Verdade que, “descoberta” por um pequeno grupo, deve ser imposta pela força revolucionária, ou por sedução, a fim de melhor politizar, instruir, educar, civilizar, libertar, reabilitar ou assujeitar o pensamento alheio.

Afetados por Foucault e Gilles Deleuze (1998b)⁶, ao ler Freud, o *Grupo* não perde de vista a conversa que esses dois filósofos tiveram em 02 de março de 1972 a respeito de *Os intelectuais e o poder*. Para Foucault (1998b)⁷, “a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. Mas local e regional, como você [Deleuze] diz: não totalizadora” (p. 71). Não deve ser para ele um instrumento de e para convencimento de outros. Deleuze, por sua vez, afirmou que uma teoria

é como uma caixa de ferramentas. [...]. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. [...] A teoria não totaliza; a teoria multiplica e se multiplica. É o poder que por natureza opera totalizações e você diz exatamente que a teoria por natureza é contra o poder. (p. 71)

A proposta do *Grupo de Leituras de Freud* não é acolher a psicanálise na forma de um saber totalizante, universal e acabado sobre o sujeito. Daí porque o diálogo com a filosofia e outras ciências humanas nos seja tão caro – abrindo-nos à escuta dos conhecimentos que essas áreas têm produzido somos convocados a *exercitar a dúvida* como *energia* de produção de conhecimento, sem, todavia, nos deixarmos cair no descompromisso político da posição niilista.

A partir desse pressuposto, o trabalho do *Grupo* tem como objetivo construir interlocução entre a obra de Freud e o pensamento filosófico contemporâneo: demarcando um campo para a reflexão de temas que atravessam os debates atuais da educação.

⁶ FOUCAULT, M.; DELEUZE, G. *Os intelectuais e o poder – conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze*. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998b.

⁷ Op. Cit.

Além das leituras e discussões coordenadas pelo professor Márcio Aparecido Mariguela, membro integrante do Grupo de Estudos Diferenças e Subjetividades em Educação (DIS – FE/UNICAMP), o *Grupo* se propôs a editar um número para a *ETD - Educação Temática Digital* participando da celebração, em 2006, dos **150 anos do nascimento de Freud**. Divide a organização desse número conosco o professor Mariguela, também coordenador do Curso de Filosofia da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e membro da Escola de Psicanálise de Campinas.

No entanto, não seria correto julgar que o *Grupo de Leituras de Freud* tenha produzido um número para a *ETD* de natureza endógena; e isso por, pelo menos, dois motivos.

Em primeiro lugar, porque foram convidados autores de outras instituições e que, em sua grande maioria, não fazem parte do *Grupo*, como: Leandro de Lajonquière (Universidade de São Paulo), Ana Maria Fernández (Universidad de la República – Uruguai), Márcio Danelon (Universidade Federal de Uberlândia), Gabriela Gomes Costardi e Soraya Souza (Universidade Paulista), Marinalva Imaculada Cuzin (Fundação Municipal de Educação Comunitária – Secretaria Municipal de Educação de Campinas), Roberto de Oliveira Preu e Érico Bruno Viana Campos (doutorandos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, bolsistas CAPES e CNPq, respectivamente), André De Martini (Fundação Dorina Nowil e a Associação de Ballet e Artes Fernanda Bianchini) e Paula Baracat De Grande (graduanda do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP e bolsista de Iniciação Científica – CNPq).

Em segundo, porque o *Grupo* se caracteriza por não restringir a participação de qualquer interessado em estudar Freud em diálogo com a filosofia e as ciências humanas. Entende que incalculáveis são os desejos e múltiplas as demandas que podem levar alguém a ler Freud. No momento atual, fazem parte do *Grupo* profissionais ligados ao Programa contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (Prefeitura Municipal de Campinas), ao Centro de Educação e Assessoria Popular (CEDAP), a Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e ao Centro de Voluntariado de Rio Claro. Além deles, fazem parte do *Grupo* estudantes de pós-graduação (mestrado e doutorado) da Faculdade de Educação, do Instituto de Estudos da Linguagem e da Filosofia (IFCH) da UNICAMP. Com tamanha

diversidade de filiações teóricas e de grupos de pesquisa, há um forte impedimento de que a endogenia seja o elemento nucleador do *Grupo*. Assim também o desejamos.

Definido o propósito de realizar um número sobre a psicanálise, e em homenagem a Freud, um grupo de colegas do *Grupo* se prontificou a participar da revisão e auxiliar na editoração dos artigos. Foram eles e elas: Alexandre Filordi de Carvalho, Adriana Duarte Bonini Mariguela, Maria Teresa de Arruda Campos e Ricardo Castro e Silva.

O *Grupo* sugeriu vários nomes para compor o presente número, cabendo ao professor Mariguela e a mim os contatos e convites. No final, quando íamos fechar a revista, tivemos uma grata surpresa ao lermos o texto de Paula Bacarat De Grande, aluna da disciplina *EL 511 Psicologia e Educação*. Lílian Cristine Ribeiro Nascimento, que foi minha bolsista durante o desenvolvimento da disciplina, chamou-me a atenção para a delicadeza e pertinência das discussões realizadas por Paula a partir de seu contato com dois grupos de estudantes de uma escola pública de Campinas: os “Nerds” e os “Descolados”. Paula teve contato com a psicanálise pela primeira vez em nossa disciplina e, embora de modo breve e muito inicial, foi capaz de realizar um belo ensaio sobre o tema a partir de ferramentas da abordagem psicanalítica. O texto de Paula foi escolhido entre os 39 trabalhos produzidos pelos discentes matriculados na disciplina sob minha responsabilidade. Isto evidencia o fato de que a psicanálise encanta jovens e que seus ensinamentos fazem sentido àqueles que farão o futuro também com suas pesquisas.

Aos nossos leitores e leitoras, nosso convite para a apreciação dos artigos que 17 autores nos contemplaram nesse número. Façamos votos que, em conjunto ou individualmente, possam lhes oferecer pistas, novas cores ou formas de mirar o objeto que, afinal das contas, é o que nos move sempre: compreendermos a nós mesmos; mesmo quando buscamos essa compreensão de forma metaforizada nas pesquisas que empreendemos. A maior parte das vezes, pensamos que nosso objeto de pesquisa é *o outro* (as crianças, os adolescentes, os deficientes, os excluídos etc) quando, de fato, advém do funcionamento do *Outro* que nos torna, ao mesmo tempo, sujeito e objeto - de nosso próprio estudo - como efeito de linguagem.

Regina Maria de Souza

Responsável pela organização deste Número Especial;
Proponente, por parte da Faculdade de Educação,
do Grupo de Leituras de Freud e do Grupo de Estudos Surdos.
Componente efetivo do Grupo de Estudos Diferenças e Subjetividades em Educação
(DIS) e
docente do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação.
Representante da UNICAMP no Núcleo Educação para a Integração (AUGM).
Tem graduação e mestrado em psicologia (PUCCAMP) e doutorado em
Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP).
E-mail: resouza@unicamp.br

Gildenir Carolino Santos

Editor-Chefe da
ETD – Educação Temática Digital
e-mail: gilbfe@unicamp.br

Dezembro/2006